

Imprensa e greves — formas de luta dos trabalhadores

Alcina Maria de Lara Cardoso*

RESUMO

Este artigo analisa os jornais operários e sindicais, durante dois momentos de grande valor para a história do movimento operário brasileiro: 1917 e 1979. O objetivo é mostrar as características qualitativas permanentes e as que se transformam ao longo do tempo, em estes meios de comunicação dos trabalhadores.

Palavras-chaves: Imprensa, Imprensa Operária, trabalhadores, greves.

ABSTRACT

This article deals with labor and union papers, published during the two important moments for the history of the labor movement, 1917 and 1979. The aim is to show the permanent and changing characteristics of these means of communication used by the workers.

Key words: Press, workers, strikes.

RESUMEN

El artículo analiza los jornales obreros y sindicais, durante dos momentos de gran valor para la historia del movimiento obrero brasileño, 1917 e 1979. El objetivo es mostrar las características

* Universidade Federal do Paraná/ Departamento de História

calitativas permanentes y las que se cambiam, al largo de lo tiempo, en estes medios de comunicacione de los obreros.

Palabras llaves: prensa, prensa obrera, obreros, huelgas.

A imprensa operária e a imprensa sindical, meios de organização e veículos de informação, formam para o movimento operário e sindical um contraponto à versão histórica elaborada pelas classes dominantes. Colaboram para a construção de outra imagem dos trabalhadores, opondo-se à visão tradicional, da classe operária subordinada ao Estado e incapaz de impulsão própria.

Relacionar imprensa operária sindical e greves é objetivo deste trabalho. Fazer uma outra leitura e perceber as greves, como eventos históricos da classe operária é nossa preocupação. Ao trabalhar com as noções de diferença, e similitude, queremos identificar o sentido que estes jornais dão aos acontecimentos. A análise está apoiada em dois eixos: 1º — O registro do evento — aspectos jornalísticos; 2º — A memória e a contextualização do fato.

Os jornais selecionados foram: *O Rebate*, de Curitiba número um, publicação semanal, de 18 de agosto de 1917, que noticia as greves de julho daquele ano e *O Metalúrgico*, de São Paulo, publicado pelo Sindicato dos Metalúrgicos, número 272, de novembro de 1979, que discute a greve dos onze dias da categoria, ocorrida entre 28 de outubro e 8 de novembro do mesmo ano. São dois números de jornais, de diferentes momentos, cujo elo de ligação é a temática que divulgam: greve e suas repercussões para os trabalhadores. A reflexão evidencia as semelhanças e diferenças entre as duas impressas e identifica as especificidades de cada uma.

IMPRESA OPERÁRIA E SINDICAL — CONJUNTURAS GREVISTAS

Tratar a greve como situação de conflito implica à adoção de uma perspectiva da classe operária e não da classe dominante ou mesmo de outras classes. A greve é parte significativa da trajetória histórica da classe operária, e constitui fator de transformação e pressão dentro da sociedade de classes. A greve como tema analítico¹ privilegia a capacidade de ação desta imprensa em suas relações de conflito com a burguesia e o Estado².

A imprensa operária foi uma das formas de luta política. O jornal era um instrumento de teorização operária, (doutrinação), e ao mesmo tempo, exercício de uma prática. Esta produção jornalística, e ao mesmo tempo, exercício de uma prática. Esta produção jornalística, configurou-se num meio pelos quais a classe operária se definia e desenvolvia formas organizativas próprias, não submissas à estrutura do Estado.

As greves mais significativas das primeiras décadas, 1906, 1907, 1911, 1914, 1917, 1919, 1920, 1922, 1923, 1924, foram duramente reprimidas e assumiram o caráter de violento conflito entre os trabalhadores e as forças repressoras, estas imbuídas da tarefa de erradicar os sintomas da luta de classes.

O final da década de 1910 e início da década de 1920, foram pródigos no exercício político da classe operária. Havia uma consciência de classe apropriada àquelas condições capitalistas específicas. As greves não eram feitas apenas por propostas reformistas, consignavam um enfrentamento direto com o Estado autoritário. O jornal socialista *O Rebate*, Curitiba, 1917, exemplifica de forma clara esta tendência; onde a questão social era realmente um "caso de polícia".

Os decênios seguintes representam a adequação da chamada questão social, ou emergência das classes sociais populares às necessidades do desenvolvimento capitalista: regulando-se de forma autoritária as condições de compra e venda da força de trabalho. A estrutura sindical corporativista cria raízes no meio operário, mas mesmo assim não impede a eclosão de greves de 1930 a 1935. O Estado Novo, implantado após 1937, tenta cooptar os sindicatos e exercer dominação sobre os trabalhadores; mas eles resistem.

De 1945 a 1965, a organização sindical exprime outra fase, com momentos diversos entre si. Populismo, crescimento das forças de esquerda, ampliação das classes médias e crescente organização da classe operária, que conquistava lugar no cenário político brasileiro. A antiga legislação sindical foi oficialmente mantida, mas na prática fazia-se letra morta, avançando e rompendo com a arbitrária estrutura sindical. Quando se caminhava a passos largos para uma nova etapa deste processo histórico, foi desfechado o golpe militar de 1964, visando conter o avanço da classe operária e sua organização, principalmente através das greves. Os sindicatos sofreram intervenções e foram reforçados como órgãos assistencialistas e agentes intermediários, mas não neutros, entre a classe operária e o Estado. A proibição do direito de greve pela lei 4330 de junho de 1964, foi a estratégia usada pelo Estado para aniquilar o movimento operário e sindical. Os índices de aumentos salariais deixaram de ser fixados através de negociação entre trabalhadores e patrões e passaram a ser prerrogativa absoluta do Estado. Eliminou-se a estabilidade no emprego e criou-se o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), mecanismo que provocou alta rotatividade da mão-de-obra, facilitando uma super exploração da força de trabalho.

Dentro deste rígido controle da sociedade brasileira, está o ano de 1968, marcado por duas heróicas greves contra o arrocho salarial. Osasco e Contagem davam continuidade à luta, que resistia nos subterrâneos da repressão. Dez anos depois, 1978, também significava outra ponta do iceberg que sempre caracterizou a luta dos trabalhadores brasileiros. Emergem novos movimentos paretistas, iniciados pelas greves dos metalúrgicos do ABC. Outras perspectivas surgem no processo histórico brasileiro, e em especial, no que se refere à classe operária e ao sindicalismo. Despontam oposições sindicais, onde a articulação dos jornais exerce papel preponderante para as alternâncias no poder. Estruturam-se as assessorias de imprensa nos Sindicatos e Federações, através da atuação de jornalistas profissionais.

COMUNICAÇÃO DOS TRABALHADORES: IMPRENSA OPERÁRIA

A imprensa operária das primeiras décadas do século XX, caracteriza-se por sua forma artesanal e precária, feita em fundo de quintais. As assinaturas asseguravam o preço do papel, da tinta e até do capital inicial, na medida em que esta imprensa não circulava comercialmente. Representa em teoria e prática um movimento operário embrionário que abria caminhos na sociedade de classes. Os temas tratados eram em sua maioria voltados para a causa social, significando engaja-

mento e questionamento político. Através de intensa rede de informações, tecida por seus redatores no Brasil e no exterior, situa-se como valioso instrumento de orientação coletiva. O jornal não era um agente coletivo de propaganda, mas um organizador social².

A proliferação destes periódicos é constante e seus títulos se repetem em muitas regiões do país, evidenciando, não uma cadeia de publicação, mas a similitude dos problemas enfrentados pela classe trabalhadora. Seus mentores, nem sempre operários de formação, mantinham o fogo da luta e do debate através da força de suas idéias³. Percebe-se, a cada leitura, a afirmação da identidade de classe e a ênfase na educação e na organização do trabalhador.

A maior parte, destes jornais, possui formato tablóide, quatro páginas, dispostas em cinco colunas, e a diagramação ocupa todo o espaço. As notícias e os acontecimentos são apresentados de forma opinativa, chegando a predominar o artigo assinado sobre a notícia. O tratamento da notícia tem um caráter processual, recuperando e analisando os fatos. A literatura é usada com uma conotação política, reproduzindo-se na íntegra textos e conferências de autores estrangeiros engajados no movimento operário. Os editoriais com imagens analógicas apontam para a orientação política do jornal, muitas vezes, difusa.

A linguagem é múltipla incitando ações e reações. . . . *são os operários, com raras exceções de algumas fábricas vilmente explorados, tendo a cerceá-los os mínguados salários, um extorsivo sistema de multas, fornecimentos obrigados, altos descontos etc . . . Nada mais justo, portanto, que se erguesse a classe num movimento de protesto, não só contra a carestia determinada pelo aumento de tributação de um lado e pelo açambarcamento de outro, como também visando a injustiça de que era vítima nas suas relações com a classe patronal . . .* (O REBATE, Curitiba, 1917).

A factualidade é contextualizada e o significado das mensagens nem sempre é claro, em função da utilização de figuras de retórica. Não existia a pessoa do repórter como profissional da notícia. As matérias chegavam às redações, como resultado da teia de relações entre o leitor e o jornal. Esta imprensa, de vida breve, de intensa mobilidade de seus redatores, revela a instabilidade social e política de uma época de grande acumulação capitalista e forte combate aos movimentos sociais.

O jornal O Rebate é de tamanho tablóide, tem quatro páginas divididas em cinco colunas, contém artigos, notícias locais e internacionais, seção livre e publicidade orientada de livros práticos para o leitor operário. A maior parte dos artigos é assinada.

O emprego de palavras, designadas "palavras-chaves", que se repetem nas matérias jornalísticas, exemplifica o universo social vivenciado naquela época: defesa de bandeiras, crítica ao sistema capitalista e reação à ordem e ao controle social, organização, direitos do trabalhador, do povo, do cidadão, resistência, arregimentação, injustiça, ideal, força, ação conjunta, exploração, greve, democracia, associação, Estado, governo, burguesia e outras. Elas compõem a temática e estão articuladas entre si. Implicam compromisso e determinada atitude política de seus formuladores. Sintetizam a posição social de quem optava por mudanças naquele momento histórico. Discutem a realidade do mundo do trabalho procurando desmistificar a nascente dominação da classe burguesa. . . . *aquilo por lá Mestre, é uma democracia engraçada. Há uma constituição que consagra o regime como governado do povo pelo povo, mas na realidade é governo do povo, por meia dúzia*

de felizardos que se empoleiraram no poder por uma revolução feliz, ajudada pelos pretorianos, mesmo porque, quando o povo tem veledade de usar o seu direito de protesto, o legado manda pretor por na rua a legião até há pouco comandada por Fabriciano e escorraça-lo a baionetas. (O REBATE, Curitiba, 1917).

O discurso prima pela necessidade do trabalhador ampliar os limites objetivos que enfrenta no seu fazer-se indivíduo intelectual coletivo, numa necessidade de classes.⁴ Há uma preocupação didática de insistente na transmissão de mensagens, formadora de consciência educadora política.⁵

Os títulos e subtítulos dos artigos exprimem o direcionamento político. Curtos, imperativos, posicionados, mais conotativos que denotativos falam em nome dos operários para operários: *Que é feito dos deportados? Nova encrência em Mato Grosso; — A paz e o papa; A nossa vigilância no Atlântico; As greves em Espanha; — A nossa organização — agricultores e não soldados; — Da metrópole; — Para uma ação conjunta — Prédicas ao povinho — Kermesse, não feira — A última greve.*⁶ As matérias conclamam os operários à lutarem por seus direitos e fazerem de suas reivindicações uma bandeira de combate. As mensagens utilizam palavras de ordem capazes de atingir o trabalhador. O insucesso da greve é visto como resultado da falta de organização. Predomina a opinião sobre o acontecimento e a greve é entendida como um momento de referência para a futura união da classe.(...) *A solução deste como de outros problemas, só será realizada no dia em que as classes trabalhadoras, constituindo maioria, reivindicarem o direito de dirigir a sociedade, fazendo reverter ao patrimônio comum as riquezas monopolizadas por uma classe numericamente inferior. É para este fim que urge ao operariado se esforçar no sentido de uma arregimentação forte e disciplina, repelindo de si o preconceito de ser a política incompatível com o operariado. (O REBATE, Curitiba, 1917).* O jornal e seu ideário superam as dificuldades do plano real. Se as diretrizes propostas foram seguidas, a vitória será do trabalhador.

Nas interpretações dos fatos o futuro predomina: aquele da organização e arregimentação. O acontecimento passado - a greve, serve de ponte para o futuro. Não há referências ao passado, não há registro de nomes, locais, época. A memória histórica configura-se como a conquista do futuro.

"O REBATE" E SEU PROGRAMA

Com o insucesso da última greve o operariado longe de se sentir abatido e compreendendo que só pela falta de organização é que viu repelidas e escarnecidas as suas justas pretensões, mais forte e decidido se mostra para a luta em prol dos seus direitos. Bastaria para esse fim fazer de suas reivindicações uma bandeira de combate, alcançando-a aos quatro ventos e à sua sombra se arregimentando, mas como o egoísmo é sentimento que não medra na alma da coletividade obreira, a idéia surgiu e bem acolhida de se congregarem os homens do trabalho em torno de um ideal político para a conquista de benefícios sociais que ao povo em geral aproveitassem, arrancando, pela força de uma ação bem orientada, a burguesia dominante, os bens da terra de que esta se apropriou e explora em prejuízo da maioria, dos milhões de produtores escravizados no capital de que tudo dispõe e tudo açambarca, auferindo para si o quinhão leonino que permite manter na ociosidade de uma numerosa casta, enquanto o trabalhador luta com a fome, a nudez e a ignorância.

Ao fazer avaliação da greve e da situação do operariado predomina o tom vigoroso do discurso crítico porém entusiasta... *a última greve foi, por isso, a magnífica afirmação de uma força em constante aumento pela organização, lenta mas segura de todo o operariado em toda a extensão destas terras do Brasil, hoje convertidas em feudos de exploradores do trabalho alheio e do analfabetismo de um povo que só pela sua resignação secular tem tolerado esse ígminioso domínio...*⁶

A linguagem retrata os princípios ideológicos dos grupos redatores e pressupõe um conhecimento anterior acumulado, formando o que Veron designa como metalinguagem, ou o que se pode entender, não sobre a notícia em si, mas sobre a atualidade, sobre o discurso.⁷

De maneira geral, os artigos não esclarecem aos leitores o desenrolar da greve, mas partem do princípio que todos conhecem o assunto. Os temas são interpretados e os autores tomam partido em defesa do operário, *a constituição de 24 de fevereiro, não obstante achar-se em vigor, tem sido nas mãos da política paranaense uma peça sem o menor valor para os efeitos de garantia dos direitos do cidadão*.⁸ Não se trata de registro de acontecimentos, mas análise das condições de vida impostas aos trabalhadores. É um jornalismo crítico, preocupado com as concepções do sistema capitalista. Não era o lucro que orientava a publicação de um jornal operário, mas o ideal de cultura, de educação, e conscientização do trabalhador. A maioria mantinha-se com poucos recursos arrecadados entre os redatores e os simpatizantes da causa operária. É a condição específica desta imprensa que explica seus objetivos. Os seus mentores não se interessavam por uma concorrência com a grande imprensa. Desejavam chegar ao leitor-trabalhador falando aquilo que lhe calava fundo: sua condição de vida explorada, sua capacidade de resistência e sua possibilidade de organização.

A IMPRENSA SINDICAL

A imprensa sindical, hoje, representa a modernização dos sindicatos e federações e exprime sua inserção na sociedade contemporânea, dominada pelos meios de comunicação de massa. É uma das maneiras do sindicato chegar às bases e por elas ser entendido. É o elo de ligação decisivo entre a classe e a direção. Compõe-se de vários instrumentos de comunicação: jornais, boletins, folhetos, volantes, e usados em momentos significativos, como greves e manifestações de protestos. Mas, são os jornais, com periodicidade estabelecida, que garantem a presença e o fortalecimento dos sindicatos entre as suas bases. É uma imprensa porta-voz dos interesses das categorias de trabalhadores que representam. Suas informações atingem grande quantidade de pessoas, ela conscientiza, veicula idéias, concepções, estimula debates, crítica e serve de referencial de discussão.⁹

O jornal *O Metalúrgico*, de novembro de 1979, retrata o intenso conflito, político e econômico, que marca o biênio 1978-1980. Naquele período, surgiram muitas lideranças, criaram-se organismos de ação intersindical e desencadearam-se fortes movimentos reivindicatórios. O movimento operário foi a vanguarda da luta pelas liberdades democráticas a partir das greves do ABC em 1978. A espontaneidade do movimento nascido nas fábricas e não nos sindicatos, traduziu o amadurecimento dos Trabalhadores. Ao reagir a esta crescente organização, o Estado autoritário intensificou as violações, às liberdades sindicais, intervenções no sindicato, dispensa em massa dos trabalhadores, prisão e condenação das principais lideranças pela justiça militar através da aplicação da lei de segurança

nacional. O ano de 1979 registrou 430 greves com a participação de cerca de 3 milhões de trabalhadores, portanto mais do que nunca foi palco para o desenrolar de momentos decisivos para o movimento operário e sindical.¹⁰

O Metalúrgico, faz parte de nova etapa de modernização do sindicato. Com tiragem de 100 mil exemplares, produzido pela assessoria de imprensa daquele órgão, assessorado por empresa editorial, voltado às questões sindicais, visa estabelecer maior contato com a base da categoria e ampliar o índice de sindicalização. Este jornal discute a greve, de onze dias, e noticia a morte do metalúrgico Santo Dias da Silva, ocorrida durante um piquete, quando o trabalhador foi ferido a bala pela polícia, no segundo dia de greve. Em suas oito páginas, as matérias são distribuídas em diversas colunas. Os títulos são curtos e diretos. Apresenta fotografias das assembleias grevistas, das negociações com os patrões, do cortejo fúnebre de Santo Dias da Silva, da missa de corpo presente realizada na catedral da Sé, por D. Paulo Evaristo Arns e da repressão aos trabalhadores em várias cidades brasileiras.

As matérias podem ser agrupadas em dois grupos primeiro - crítica à repressão policial ao processo grevista, que culminou com a morte do operário; segundo - análise dos onze dias de greve, com avaliação dos ganhos e das perdas. A solidariedade e a perplexidade diante da morte é o centro de várias matérias do primeiro bloco. A partir do editorial "A luta continua", assinado por Joaquim dos Santos Andrade, o objetivo do jornal é ligar a morte do operário à situação maior de exploração e violência dos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores.

Nesse tipo de narrativa, onde o psicológico é altamente explorado é mais visado o clima do que o acontecimento.¹¹ *A abertura que o governo diz que está promovendo pode ser medida pelo número de vítimas feito pela repressão aos movimentos grevistas. Somente de julho a outubro deste ano, a imprensa relata a morte de quatro operários, incluindo o metalúrgico Santo Dias da Silva, além de um grande número de operários gravemente feridos e milhares de prisões.*¹² Interpretativas e emocionais as mensagens são ricas em detalhes, constituindo narrativas que retratam a atuação do operário Santo Dias no processo grevista, e a transformação de sua morte em símbolo de arbitrariedade e injustiça. Não se trata de simples cobertura do evento, mas contextualização da situação do conflito, onde para o jornal o Estado representante da classe dominante (neste caso, patrões e a FIESP) era o mais interessado na repressão. *Foi a maior repressão já vista em São Paulo a um movimento grevista. Sob o pretexto de proteger a propriedade dos patrões, o Governo colocou a polícia armada nas ruas para reprimir um movimento pacífico dos trabalhadores. Um resumo da repressão empreendida pela polícia durante os 11 dias de greve serve para mostrar a violência, cometida contra os metalúrgicos.*¹³

No segundo grupo o tema central é a greve. Há um histórico da campanha salarial, e da criação de sub-sedes e diversas comissões do sindicato, distribuídas pelas regiões da cidade de São Paulo. Relatam as seis assembleias gerais realizadas e as oito reuniões com os patrões para discussão das propostas. Os metalúrgicos reivindicam 83% de aumento sobre os salários da época e os patrões oferecem 66% e encerram o diálogo. Uma das matérias tem como sub-título Patrões pagaram para ver - e diz: *com esta proposta os patrões deram as negociações por encerradas. E chegaram a afirmar que não negociariam com a categoria em greve, embora já no segundo dia de paralisação eles já tivessem aumentado a proposta em 11%. Com isso, os empresários estavam pagando para ver os metalúrgicos irem à greve. Era uma jogada onde o triunfo maior dos patrões foi a repressão policial.*¹⁴

A greve foi considerada último recurso, e a categoria decidiu em assembléia parar as máquinas. *Paramos 11 dias* - é o título de um histórico sobre a greve. Os dias mais significativos foram registrados e a preocupação foi mostrar a intransigência dos patrões e a violência da polícia. *...Mas a repressão policial também começou a agir cedo. As subseções do sindicato foram invadidas ou cercadas pela polícia naquela mesma noite e a partir disso, qualquer trabalhador que fosse encontrado distribuindo panfletos e boletins era preso. Mesmo assim, a paralisação chegou a atingir 50% da categoria no primeiro dia.*¹⁵ As matérias são agrupadas de forma a tornar o jornal em instrumento de informação para os trabalhadores, noticiando sobre as suas lutas, mostrando prioridades e esclarecendo-os acerca da conjuntura econômica e política do país.

O artigo de fundo, na última página do jornal *De volta, na luta*, faz uma avaliação da greve. A defasagem entre o pretendido e o conquistado resultou de várias circunstâncias. Algumas sob o controle dos metalúrgicos, outras não.

O METALÚRGICO

Decidimos voltar ao trabalho, depois de 11 dias de greve. Isso não significa que a luta terminou, ao contrário, continua. Agora, é o momento de pensar sobre tudo o que aconteceu. Avaliar, com coragem, como é que foi o movimento. Encontrar inclusive, nossos erros, porque só fazendo uma análise correta do movimento é que podemos evoluir, aumentando nossa capacidade de organização. Na última assembléia, dia 8, quando decidimos suspender a greve, resolvemos também marcar novo encontro geral num prazo de 20 dias, portanto, no próximo dia 30 estaremos novamente juntos, em Assembléia, para avaliar a greve. Mas é bom que a gente se prepare, sempre pensando na idéia de unidade. Trabalhador desunido se enfraquece. Não temos que brigar entre nós, porque aí quem toma força é o patrão. Vivemos, durante nossas assembléias, momentos difíceis, em que a crítica foi substituída pelas vaias. Qualquer companheiro que fosse defender a proposta de volta ao trabalho nem podia argumentar direito, ninguém queria ouvir. Mas desde o início do movimento a diretoria do sindicato vinha advertindo que só se a gente conseguisse 90 por cento de paralisação é que os patrões seriam obrigados a negociar com a gente.

É preciso lembrar que não conseguimos esse índice de paralisação. E por quê? Primeiro porque a repressão foi violenta. A polícia defendendo os interesses patronais, estava nas portas de fábrica para impedir a ação dos piquetes a partir do primeiro dia de greve. Centenas de companheiros foram presos, o que dificultou o trabalho de organização de novos piquetes.

Mas, além disso, é preciso ter coragem para reconhecer que a categoria não se fez representar maciçamente nas assembléias, quando se decretou a greve e a continuidade da paralisação. Em média de 5 a 7 mil companheiros compareceram, mas a nossa categoria, em São Paulo, é composta por mais de 350 mil trabalhadores. E é justamente a através do nível de participação das assembléias que se pode avaliar a disposição da categoria para a luta.

Decretar uma greve e mantê-la é uma prova de força, que depende fundamentalmente da união de todos. Devemos e podemos fazer críticas, mas sem esquecer que devem ser feitas para unir mais a categoria e não para provocar divisões que nos enfraquecem. É o momento, companheiros, de avaliar nosso movimento. De encarar nossos erros, procurando não repeti-los. E de somar os

acertos. Sempre pensando no que fazer para reforçar a nossa união, que sem ela nenhum movimento será verdadeiramente vitorioso.

As reflexões feitas nesse artigo permitem associação com aquelas elaboradas pelos operários no jornal *O Rebate*, após as greves de 1917. A polêmica repetiu-se. O sistema econômico é o mesmo e as dificuldades apresentadas pelos trabalhadores ampliaram-se. O resultado da greve não é encarado como fracasso, mas como novo ponto de partida para o futuro, na medida em que forem superados os erros, as ambigüidades e a desunião. O conjunto das matérias pode ser sintetizado em duas palavras: organização e união. As mesmas palavras, que há um século atrás, moviam os ideais dos velhos combatentes, exigindo-lhes dedicação e até a vida.

A greve, como tema-eixo de análise, na imprensa sindical contemporânea permite perceber as contradições que perpassam o movimento sindical: obstáculos frente a um Estado ainda autoritário, regido por leis de exceção, suas divisões e fragmentações, estimuladas pelos patrões, visão imediatista do conflito de classes, ausência de memória de lutas passadas, tudo conjugado no eterno discurso.

Como forma de luta política, a imprensa sindical busca novos caminhos. Por ser instrumento dos trabalhadores e veículo de comunicação, ela não pode apenas retransmitir informações. Sua tarefa maior é acompanhar o avanço da classe, trazer para o debate as divergências ideológicas, educar e organizar as bases dentro de uma perspectiva realista e global da história brasileira.

O QUE MUDA E O QUE PERMANECE?

Há diferenças e semelhanças entre os jornais publicados pela imprensa operária do início do século, e os jornais publicados, hoje, publicados sob a liderança de Sindicatos e Federações. Os primeiros são formadores de opinião, por excelência, e vêem no leitor-trabalhador, não o consumidor, mas um companheiro de luta, defensor dos mesmos princípios. Elaborados por gráficos, profissionais liberais, intelectuais, comprometidos com a causa popular, os jornais são doutrinadores e alimentam um descontentamento com o sistema capitalista em sua complexidade e totalidade. Insistem na conscientização do trabalhador, dão ênfase a crítica contra o discurso oficial da ideologia dominante e atuam mais no plano das idéias.

A imprensa sindical trabalha mais no plano das ações, criando indignação contra os fatos para mobilizar os trabalhadores e fazê-los reagir. Esta imprensa não cria fatos, ela os reproduz de forma sintetizada e compartimentalizada, nos moldes da grande imprensa. Enfatiza, desta maneira, reações pontuais ao sistema, em determinadas conjunturas históricas. Sua retórica passa por uma hierarquia de poderes dentro do sindicato, que facilita ou dificulta, a produção de mensagens críticas ao capitalismo e suas diversificadas e ampliadas formas de exploração. Ela, ainda hoje, necessita de referenciais, para colocar em outro patamar a contenda entre a ideologia das classes subalternas¹⁶ e a ideologia das classes dominantes.

Através da identificação das palavras-chave mais persistentes nos editoriais dos jornais analisados, foi possível traçar um quadro comparativo das funções nos programas. Apesar de representarem momentos históricos heterogêneos, elas aglutinam em torno de si, de forma homogênea dois planos de codificação: o plano das idéias e o plano das ações:

PALAVRAS-CHAVES DAS MENSAGENS

O REBATE - 1917

violência
organização
direitos do trabalhador
direitos do povo
direitos do cidadão
resistência
arregimentação
injustiça
luta
repressão policial
operariado
bem estar do povo
reivindicação
ideal
força
ação conjunta
exploração
greve
movimento
democracia
Estado
governo
burguesia
propriedade
justiça
liberdade
solidariedade

O METALÚRGICO - 1979

violência
organização
direitos do trabalhador
injustiça
luta
repressão policial
trabalhadores
reivindicação
força
propriedade
patrões
paralisação
greve
unidade
participação
união
justiça
solidariedade
democracia
liberdade
esperança
movimento
governo
exploração

Ambos os planos complementam-se, nos dois jornais. Exercitam hegemonia como articuladores das questões específicas dos trabalhadores. A presença marcante destas palavras evidencia as analogias entre a imprensa produzida por operários do início do século e a imprensa sindical contemporânea. Suas diversidades de tempo e de natureza não as afastam, ao contrário, as aproximam, porque a essência é a mesma: ambas trabalham num universo social determinado: o da classe operária.

O estudo comparativo destes dois jornais possibilita esboçar quatro abrangentes assertivas: 1a. A atualidade das análises feitas por estes períodos – todas as questões propostas são inerentes ao sistema e a sua crítica, portanto, sempre pertinentes. O discurso repete-se mas ao mesmo tempo renova-se. 2a. A percepção das mudanças – é constante a compreensão histórica do processo de transformação, das mudanças lentas e de longo prazo. 3a. Visão mistificada da realidade, dificultando a superação de algumas contradições – ambos periódicos fazem aflorar, em determinados momentos, uma visão simplificada da realidade e do conflito de classes, onde o trabalhador tem, em sua condição de explorado e vendedor de sua força de trabalho, o atributo necessário para fazer a revolução. Na verdade, nem todos os trabalhadores podem ser revolucionários e esta é a real constituição da

classe. 4a. A luta é contínua. Estas imprensas constituem, com pequenas diferenças, formas objetivas da militância política da classe.

Notas de Referência

- 1 CASTRO, Pedro. Greve, Fatos e significados. São Paulo, Ática, 1986.
- 2 FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil - 1880 - 1920. Petrópolis, Vozes, 1978. 164 pp. 88.
- 3 "De suyo se comprende que, sin la participación activa de los obreros de vanguardia en la composición y difusión de semejantes publicaciones, estas no habrían podido existir". LENIN, Acerca de la prensa. Moscou, Editorial Progreso. 1980. 344p.
- 4 GRAMSCI, Antonio Os Intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 5 FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- 6 O Rebate, Curitiba, 1917.
- 7 VERON, Eliseo. Ideologia y comunicacion de masa; la semantizacion de la violencia política. In: et alii. Language y comunicacion social, Buenos Aires, Nova Vivion, 1971.
- 8 Comunicacion de masas y produccion de ideologia; acerca da constitucion del discurso burgues en la freura semanal. Revista latino americana de Sociologia, Paidós, Instituto T. Di Tella, Nejeva Época (1), 1974, p. 9-43.
- 9 O Rebate...
- 10 TUCUNDUVA, Lino. Imprensa e classes trabalhadoras no ABC. IMS, Cadernos de Pós-Graduação, Memória popular do ABC, São Bernardo do Campo, (6), s.d.
- 11 Metalúrgicos de São Paulo - Documentos - 1979-1983. 77p.
- 12 MORIN, Violette. Tratamiento periodístico de la informacion. Barcelona, A.T. E., 1974. Neste trabalho a autora analisa a ideologia dos diários parisienses, através da maneira de informar, explicar e atualizar um evento. No caso a visita oficial de Nikita Khrushchev a França entre março e abril de 1960.
- 13 O Metalúrgico, São Paulo, 1979.
- 14 Ibid.
- 15 Ibid.
- 16 Ibid.
- 17 "A subalternidade, enquanto situação decorrente da relação dominada-dominado, foi entendida como atributo inerente a todas as relações sociais, ou seja, como fato que, encerrando ligações interpessoais, é suscetível de reproduzir as mesmas características da dominação interclasses". Melo, José Marques de. Comunicação e classes subalternas. São Paulo, Cortez, 1980. p.13.

Referências Bibliográficas

1. ANTUNES, Ricardo C. O que é Sindicalismo. Ed. Brasiliense, 1980.
2. ———. Classe operária, sindicato e partido no Brasil, São Paulo, Cortez, 1982.
3. BARBERO, J. Martín. Memória Narrativa e Indústria Cultural. Revista Comunicación y Cultura. México, nº 10, ago, 1983.
4. CASTRO, Pedro. Greve. Fatos e significados. São Paulo, Ática, 1986.
5. DIAS, Everardo. História das lutas sociais no Brasil. 2a. ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1977.
6. GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
7. LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. São Paulo, Ática, 1985.

8. LENIN. *Acerca de la prensa*. Moscú, Editorial Progreso, 1980.
9. MORIN, Violette. *Tratamento periodístico de la informacion*. Barcelona, A.T.E., 1974.
10. MELO, José Marques de. *Comunicação e classes subalternas*. SP, Cortez, 1980.
11. SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo, Dominus Editora, 1966.
12. THIOLLENT, Michel J. K. *Crítica metodológica e investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1985.
13. THOMPSON, E.P. *Formação da classe operária Inglesa, A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
14. VERON, Eliseo. *A produção do sentido*. São Paulo, Cultrix, 1980.
15. _____. *Ideologia, estrutura e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1970.
16. _____. *Comunicacion de masas y produccion de Ideologia: acerca de la constitucion del discurso burgues 'en la prensa semanal*. Revista Latino Americana de Sociologia, Paidós, nº 1, Publicacion del Instituto T. Di Tella, Nueva Época, 1974.